

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 5 – Política e Economia da Informação

OS PAPEIS DA DESINFORMAÇÃO NA (RE)ASCENSÃO DO CAPITALISMO DE DESASTRE

THE ROLES OF DISINFORMATION IN THE (RE)ASCENT OF DISASTER CAPITALISM

Dheyvid Adriano do Livramento Chaves – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Jonatas Edison da Silva – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Thiago Magela Rodrigues Dias – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: em cenários de crise, como a tragédia climática no Rio Grande do Sul, a desinformação ganha força e visibilidade. Pressupõe-se que as narrativas desinformativas reforcem interesses econômicos, colaborando para a (re)ascensão do capitalismo de desastre. Essa pesquisa, de natureza básica, exploratória, qualitativa, bibliográfica e documental, tem como objetivo geral estabelecer conexões teóricas entre a desinformação e o capitalismo de desastre a fim de identificar os diferentes papéis que a desinformação pode assumir nessa relação. O estudo foi conduzido por meio de buscas em bases acadêmicas e fontes jornalísticas. Partindo da hipótese de que a desinformação deliberada é um recurso explorado na implantação e manutenção do capitalismo de desastre, identificamos três papéis da desinformação que garantem vitalidade ao ciclo de reascensão do capitalismo de desastre, alterando sua forma conforme as circunstâncias dos desastres evoluem. Em etapas futuras, pretende-se expandir a pesquisa com análises empíricas de casos específicos.

Palavras-chave: desinformação; neoliberalismo; capitalismo de desastre.

Abstract: in crisis scenarios, such as the climate tragedy in Rio Grande do Sul, disinformation gains strength and visibility. It is assumed that disinformative narratives reinforce economic interests, contributing to the (re)ascendance of disaster capitalism. This research, which is basic, exploratory, qualitative, bibliographic, and documentary in nature, aims to establish theoretical connections between disinformation and disaster capitalism in order to identify the different roles that disinformation may assume in this relationship. The study was conducted through searches in academic databases and journalistic sources. Based on the hypothesis that deliberate disinformation is a resource employed in the implementation and maintenance of disaster capitalism, we identified three distinct roles of disinformation that sustain the vitality of the (re)ascendant cycle of disaster capitalism, adapting its form according to the evolving circumstances of each disaster. In future stages, the research intends to expand through empirical analyses of specific case studies.

Keywords: disinformation; neoliberalism; disaster capitalism.

1 INTRODUÇÃO

É recorrente, em momentos de crise, encontrar manchetes em jornais destacando perigosas dicotomias que contrapõem a economia e a natureza ou a economia e a vida

humana. Fica a impressão de que o rumo natural e inescapável da economia é a destruição da dignidade humana e a antipatia com a natureza. O que o senso comum desconhece é que essa é a lógica de um modelo econômico em específico que não pode ser entendido como uma entidade metafísica, mas sim, como diria Paulo Freire (2007), um momento do desenvolvimento econômico submetido a uma orientação política ditada pelos interesses de quem detêm o poder.

Nas crises climáticas, como as enchentes e as secas que devastaram diversas regiões do Brasil em 2024, essas orientações políticas direcionadas aos interesses das classes dominantes ficam mais visíveis. Na conjuntura recente dos desastres brasileiros, a mídia alternativa e não hegemônica trouxe para o debate o conceito de capitalismo de desastre, desenvolvido originariamente na obra de Klein (2008). Essa teoria propõe que as tragédias, naturais ou construídas, são oportunidades para descredibilizar o poder público e, conseqüentemente, consolidar agendas neoliberais, em uma espécie de terapia de choque econômico defendida por adeptos do livre mercado (Klein, 2008).

Outro fenômeno que se alia às terapias de choque são as manifestações desinformativas em massa. Na ocasião das enchentes no Rio Grande do Sul, no final de abril de 2024, cerca de um terço dos brasileiros alegaram ter recebido notícias falsas sobre a tragédia.¹ Os ataques de desinformação atingiram proporções tão preocupantes que mobilizaram ações, tempo e recursos do poder público para combatê-los, inclusive com a instauração de um Gabinete de Crise de Comunicação.²

A desinformação científica é caracterizada pela produção e disseminação intencional de conteúdos falsos ou enganosos com o objetivo de comprometer a credibilidade do conhecimento científico e influenciar a opinião pública (Santini; Barros, 2022). Quando direcionada ao campo das ciências, especialmente em temas como mudanças climáticas, a desinformação atua em conjunto com a negação da ciência, que é a rejeição deliberada de consensos acadêmicos com evidências científicas. Essa articulação contribui para a criação de um ambiente de dúvida e desconfiança, dificultando a adoção de políticas públicas baseadas em evidências e favorecendo discursos que legitimam a inação diante de crises socioambientais (Santini; Barros, 2022).

¹ Disponível em: <https://iclnoticias.com.br/pesquisa-31-brasileiros-receberam-fake-news-rs/> Acesso em: 11 abr. 2025.

² Disponível em: <https://sosenchentes.rs.gov.br/combate-a-desinformacao> Acesso em: 11 abr. 2025.

Com base em Santini e Barros (2022), que destacam a falta de estudos sobre o negacionismo climático a partir de contextos regionais e culturais, esta pesquisa se justifica por analisar a relação entre desinformação e capitalismo de desastre tendo como motivação a crise climática no Rio Grande do Sul. Ao se subsidiar por elementos de um evento contemporâneo específico, a pesquisa contribui para suprir a escassez de dados empíricos sobre como a desinformação opera em realidades locais. Além disso, permite compreender como interesses econômicos e políticos utilizam narrativas desinformativas para sustentar agendas de exploração em contextos de desastre.

Com base no exposto, delineou-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a desinformação opera como instrumento para a manutenção do capitalismo de desastre e o agravamento de crises socioambientais e econômicas? O objetivo geral é estabelecer conexões teóricas entre os dois fenômenos, com vistas a identificar os distintos papéis que a desinformação pode desempenhar na dinâmica do capitalismo de desastre.

Os objetivos específicos compreendem: identificar os conceitos de desinformação e de capitalismo de desastre na literatura científica; analisar a correlação entre desinformação e capitalismo de desastre a partir da produção científica e de notícias veiculadas no contexto das enchentes no Rio Grande do Sul; e, refletir sobre o papel de agentes econômicos e políticos na produção e disseminação de desinformação em situações de desastre e colapso socioambiental.

2 METODOLOGIA

De acordo com Rodrigues e Neubert (2023), esta é uma pesquisa básica, pois visa contribuir para o avanço da ciência ao desenvolver novos conhecimentos sobre a relação entre desinformação e capitalismo de desastre. Trata-se, também, de uma pesquisa exploratória, por buscar um contato inicial e aprofundado com o objeto de estudo, e qualitativa, uma vez que “considera a relação, análise e interpretação subjetivas para atribuição de significados aos fenômenos estudados” (Rodrigues; Neubert, 2023, p. 42). A investigação foi conduzida por meio de pesquisa bibliográfica e documental, fundamentada em literatura científica e em notícias que expressam narrativas associadas à lógica do capitalismo de desastre.

Por se tratar de uma pesquisa em fase inicial, tornou-se necessário mapear o que já está disponível sobre a temática. Para isso, utilizou-se fontes científicas e mecanismos de

busca gerais, a fim de identificar produções científicas e registros documentais, como as notícias.

A pesquisa foi organizada em quatro etapas: (1) levantamento de publicações sobre desinformação na BRAPCI e no Google Acadêmico; (2) busca por estudos sobre capitalismo de desastre em contextos de tragédias brasileiras, no Google Acadêmico; (3) identificação de trabalhos que abordassem conjuntamente capitalismo de desastre e desinformação/*fake news*; e (4) buscas no buscador de notícias do Google com o objetivo de localizar conteúdos noticiosos no contexto das enchentes.

Um primeiro esforço realizado para dar materialidade à hipótese foi verificar se na cobertura jornalística da tragédia das enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024, houve referências concomitantes aos conceitos de capitalismo de desastre e desinformação, ou à conceitos correlatos a estes. Assim, foram conduzidas buscas no Google Notícias com combinações entre o termo “rio grande do sul” e os termos “capitalismo de desastre” ou “capitalismo”; “desinformação” ou “fake news”. O recorte temporal para a seleção foram os meses imediatamente posteriores ao evento das enchentes, ou seja, maio e junho de 2024.

A leitura e análise dos conteúdos das notícias orientou a seleção de fontes a partir do seguinte critério: explorar a relação entre os conceitos/fenômenos da desinformação e o capitalismo de desastre no contexto das enchentes. Selecionaram-se sete notícias que compreendem colunas de opinião em veículos jornalísticos diversos. Elas estão descritas e problematizadas na seção 5, bem como dialogadas com a literatura para orientar uma proposta de ordenação dos possíveis papéis da desinformação no capitalismo de desastre.

3 DESINFORMAÇÃO

É possível verificar que os usuários estão vivenciando uma abundância de informações, mas também, paralelamente, a dificuldade crescente de compreendê-las, selecioná-las e interpretá-las de forma crítica. Em meio a uma hiper produção diária de dados e informações que circulam instantaneamente, a desinformação tem se consolidado como um dos fenômenos mais preocupantes da contemporaneidade. Nesse cenário, Ripoll e Matos (2017) alertam que a disseminação de informações enganosas atingiu níveis alarmantes, não apenas pelo excesso de mensagens em circulação, mas pela constante mescla entre fatos verídicos e falsificações, o que compromete a capacidade crítica e alimenta a desconfiança pública.

A desinformação, embora seja um termo que ganhou destaque nos últimos anos, não é uma invenção recente. Seu surgimento remonta a estratégias militares e de espionagem, posteriormente incorporadas por meios de comunicação e instituições tanto estatais quanto privadas (Brisola; Bezerra, 2018). Essa presença difusa faz com que a desinformação transite por diferentes espaços: ela pode estar nas páginas de livros didáticos, nos discursos políticos, nas redes sociais, em jornais de grande circulação ou mesmo em materiais de entretenimento. Como observam Brisola e Bezerra (2018), mais do que transmitir conhecimento, a informação tem sido usada como instrumento de atração, moldada por interesses comerciais e lógicas de visibilidade, muitas vezes em detrimento do compromisso com a verdade.

Com o uso de robôs automatizados (*bots*), notícias falsas são replicadas em larga escala, alcançando públicos diversos em tempo recorde (Bezerra; Capurro; Schneider, 2017). O volume e a velocidade com que essas mensagens circulam tornaram-se um desafio até mesmo para as grandes plataformas digitais, que têm investido, ainda que insuficientemente, em mecanismos para conter a disseminação deliberada de desinformação (Bezerra; Capurro; Schneider, 2017).

Para dar nome a esse processo de degradação informacional, Ripoll e Matos (2017) propõem o conceito de “zumbificação da informação”. A metáfora do zumbi, figura que age de forma irracional e sem consciência de seus atos, ajuda a ilustrar um comportamento cada vez mais comum: o compartilhamento automático e acrítico de conteúdos distorcidos ou falsos. Nesse cenário, a ausência de interpretação e checagem transforma usuários da informação em agentes de desinformação, contribuindo para o que os autores chamam de uma infecção generalizada no ecossistema informacional (Ripoll; Matos, 2017).

Wardle e Derakhshan (2019) propõe uma classificação que ajuda a entender os vários tipos de desinformação. Ela distingue, por exemplo, conteúdos satíricos ou paródicos que, embora não intencionam causar dano, podem enganar, e conteúdos fabricados deliberadamente para ludibriar e manipular. Entre esses extremos, há ainda outros tipos, como a conexão falsa, quando a manchete não condiz com o conteúdo, o uso enganoso de dados verdadeiros, o reaproveitamento de informações fora de contexto e a imitação de fontes confiáveis para dar aparência de legitimidade.

Em relação à desinformação com fins econômicos e lucrativos, Santos Junior e Nichols (2025) pesquisaram como esses *sites* exploram tais ferramentas para monetizar conteúdos desinformativos, aproveitando-se de lacunas regulatórias e da lógica de engajamento das

plataformas digitais. Isto é, essas plataformas que disseminam desinformação possuem “[...] práticas de relacionamento institucional entre os campos do jornalismo e da publicidade em favor de um ecossistema de decisão algorítmica que levanta o problema de governança.” (Santos Junior; Nichols, 2025, p. 18). Com isso, essa pesquisa revela que a desinformação não é apenas um problema ético ou político, mas um modelo de negócio em desenvolvimento, com interesses econômicos.

Nesse sentido, como a lógica da internet no contemporâneo opera por meio da economia da atenção e do engajamento, Santos Junior e Nichols (2025) afirmam que 70,9% dos *sites* analisados ganham dinheiro por meio da publicidade programática. Na lógica das plataformas digitais, conteúdos desinformativos tornam-se economicamente rentáveis ao explorarem mecanismos como vigilância comportamental, títulos sensacionalistas e apelos emocionais (Santos Junior; Nichols, 2025). Diante disso, “a plataformização das infraestruturas de publicidade cria um mercado de compra e venda programática da atenção que oferece incentivos econômicos diretos para *websites* hiperpartidários de direita” (Santos Junior; Nichols, 2025, p. 17).

O avanço da desinformação como estratégia lucrativa cria um ambiente propício para a disseminação do negacionismo científico, especialmente no que se refere às mudanças climáticas. Para Santini e Barros (2022) a desinformação científica e a negação da ciência configuram práticas que prejudicam a compreensão pública sobre questões sociais, como as mudanças climáticas. Tais práticas envolvem a divulgação da desinformação com a intenção de desacreditar o consenso científico e dificultar a implementação de políticas fundamentadas em evidências.

De acordo com Santini e Barros (2022), campanhas de desinformação organizadas, frequentemente ligadas a interesses político-econômicos, utilizam plataformas digitais para ampliar o impacto de narrativas negacionistas. A negação da ciência transcende a mera discordância e se estabelece como uma estratégia sistemática de deslegitimação da autoridade científica, criando um ambiente de incerteza que favorece a dúvida em situações de desastre e colapso socioambiental.

4 CAPITALISMO DE DESASTRE

O conceito de “capitalismo de desastre” foi desenvolvido pela jornalista canadense Naomi Klein (2008) para descrever um fenômeno recorrente em contextos de crises sociais,

econômicas ou ambientais. Trata-se da utilização estratégica de desastres como janelas de oportunidade para a implementação de reformas neoliberais profundas, frequentemente impopulares e excludentes. Nessas situações, a lógica de mercado é imposta de forma acelerada sobre estruturas públicas e sociais fragilizadas, com forte presença de interesses corporativos. Segundo Klein (2008), o furacão Katrina, que devastou Nova Orleans em 2005, foi um dos eventos que motivou-a a sistematizar essa lógica recorrente de exploração do trauma coletivo em benefício de agendas econômicas radicais.

Friedman, grande influenciador do pensamento neoliberal da Escola de Chicago, defende que a instabilidade provocada por uma crise é uma oportunidade ímpar para impor políticas econômicas radicais antes que a sociedade recupere o modo de *status quo*. Essa tática, cunhada como “tratamento de choque”, tem como características comuns em suas experiências históricas: o desmonte da estrutura estatal, a rápida privatização de bens públicos, o corte drástico de gastos sociais e a desregulamentação de mercados, geralmente implementados sob o pretexto de reconstrução ou modernização. Ao explorar o trauma coletivo, essas medidas são impostas sem debate democrático, beneficiando elites econômicas enquanto aprofundam desigualdades e fragilizam ainda mais as populações afetadas (Klein, 2008).

A ditadura chilena sob o comando de Pinochet, no início dos anos 1970, representou a primeira aplicação histórica em larga escala das ideias de Friedman e da Escola de Chicago, caracterizando-se como um caso pioneiro do capitalismo de desastre de Klein (2008). A implementação de políticas liberalizantes naquele contexto foi viabilizada por meio de um programa de reformas econômicas radicais, conduzido sob forte repressão estatal, que desmantelou estruturas públicas e promoveu a abertura da economia aos interesses do capital internacional.

Tal experiência é amplamente reconhecida como marco inaugural da consolidação do neoliberalismo enquanto projeto político-econômico global. O neoliberalismo emerge, nesse cenário, como uma resposta das elites econômicas ao fortalecimento das políticas keynesianas que, desde a crise de 1929, havia ganhado centralidade na formulação das políticas públicas, substituindo progressivamente os preceitos do *laissez-faire* clássico (Harvey, 2008). O neoliberalismo, de acordo com Harvey (2008), ao menos em sua vertente econômico-marxista, sem adentrar nas abordagens foucaultiana, bourdieusiana ou weberiana, cujas singularidades de cada não são objeto desta análise, qualifica-se por práticas

como a privatização de bens e serviços públicos, a desregulamentação de mercados, a financeirização da economia, a adoção de políticas de austeridade e o processo de acumulação por espoliação.

No Brasil, encontram-se alguns eventos na literatura que foram interpretados como laboratórios do capitalismo de desastre, ou laboratórios de choque: a pandemia da Covid-19 é um grande exemplo de fenômeno contemporâneo que mobilizou estudos sobre seu impacto em diversos aspectos sociais e setores produtivos; no âmbito ambiental, pode-se citar os desastres naturais na região Serrana do Rio de Janeiro, em 2011 (Silva, 2018) e os rompimentos das barragens em Mariana/MG, em 2015 (Rojas; Pereira, 2023) e em Brumadinho/MG, em 2019 (Dias; Repolês, 2021); já no âmbito econômico, houve a crise econômica durante o segundo governo Dilma (Mariano, 2019).

5 DESINFORMAÇÃO E CAPITALISMO DE DESASTRE: CORRELAÇÕES E POSSIBILIDADES

Notícias veiculadas em diversas páginas jornalísticas no período que sucedeu as enchentes do Rio Grande do Sul, em 2024, deram uma ênfase inédita no jornalismo nacional à possibilidade de contextualização do conceito de capitalismo de desastre. Inclusive, nos pressupostos que dão base aos argumentos dos colunistas e entrevistados, encontram-se correlações entre a tragédia, o capitalismo de desastre e a explosão de desinformações que tomaram conta das redes sociais digitais no período. No quadro 1, sintetizam-se alguns dos principais achados nas mídias.

Quadro 1 – Notícias que relacionam as enchentes do RS, capitalismo de desastre e desinformação

	Veículo	Data	Manchete
	Pressupostos sobre o capitalismo de desastres e a desinformação no contexto das enchentes do RS		
	Sul 21	12/05/2024	Enchente, guerra e capital (por Jorge Barcellos)
1	A catástrofe ambiental produzida pelo neoliberalismo é produto de uma guerra econômica contra a ciência e o poder público, que usa as <i>fake news</i> como armas. A produção da destruição foi acompanhada de um processo de subjetivação em massa por meio da gestão de técnicas de comunicação e fabricação de opinião. O negligenciamento da ciência em proveito de práticas neoliberais é a repercussão necessária do capital como modo de destruição.		
2	Intercept	21/05/2024	Eles veem oportunidade na tragédia no Rio Grande do Sul

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

		<p>Chama a atenção para a contratação da consultoria especializada em crises corporativas no lugar de pesquisadores de universidades públicas, os pedidos de pix do governador Eduardo Leite e os pedidos de doações a entidades privadas. Isso se une à narrativa das fake news que produzem a ideia de um heroísmo privado e atuante sobre a ineficiência do poder estatal. A resposta ao choque é o fortalecimento da agenda neoliberal em resposta à tragédia, tornando o RS o novo laboratório da crise.</p>	
	BBC News	25/05/2024	Reconstrução de Porto Alegre: as críticas a megaconsultoria contratada pela Prefeitura
3			<p>Destaca os contratos com empresas multinacionais para a gestão da crise, citando a Alvarez & Marsal, a McKinsey e a EY. A primeira, inclusive, tem como experiência a resposta aos efeitos do furacão Katrina nos Estados Unidos, em 2005. Apesar de ser visto como um ponto positivo para o governo portoalegrense, foi justamente esse episódio, associado a políticas de desregulação e privatização de serviços públicos, que originou a crítica de Klein batizada de capitalismo de desastre.</p>
	Brasil de Fato	28/05/2024	Tragédia climática no RS em tempos de capitalismo de catástrofe
4			<p>Culpabiliza os governos do RS e de Porto Alegre como responsáveis pela tragédia, pelo negacionismo climático, pela não destinação de recursos da Defesa Civil e pela falta de manutenção das comportas e bombas que poderiam ter evitado a inundação de áreas. Sugere a possibilidade de utilização desta tragédia para avançar nas políticas neoliberais implementadas ao longo da gestão desses governos.</p>
	ICL Notícias	31/05/2024	Consultorias dos EUA: 'capitalismo de desastre' toma a frente na reconstrução do RS
5			<p>Pesquisadores apontam a contradição no modelo econômico de desenvolvimento que pauta a lógica de mercado na reconstrução de cidades após tragédias que ele mesmo causou. A reconstrução não pode ser guiada pelos mesmos grupos políticos e econômicos responsáveis pela degradação. O drama da situação serve como cortina de fumaça para omitir as últimas desta calamidade. O desastre no RS inaugurou uma expressão do capitalismo de desastre que é a monetização da tragédia, através das personalidades que vão à cena do desastre, ganham seguidores, ou mesmo as fake news, que geram engajamento.</p>
	Brasil de Fato	24/06/2024	O capitalismo de desastre e o caos climático no Rio Grande do Sul
6			<p>As empresas de consultoria operam como think tanks, contratadas com dinheiro público para influenciar na elaboração de políticas públicas e no planejamento estatal. Tem sido uma tendência o desinvestimento de governos nas universidades públicas e institutos de pesquisa, que contribuem para o monitoramento e planejamento de pesquisa, e a terceirização de tais atividades de elaboração para consultorias privadas. A crise gerada por eventos climáticos extremos se torna uma janela de oportunidade ao capitalismo para aprofundar a lógica neoliberal, transformando a obrigação do Estado de assegurar os direitos humanos, ambientais, sociais, e até civis e políticos, e o convertendo em um apêndice do poder corporativo. O capital inova ao se aproveitar da crise gerada pelas suas próprias consequências e ter a capacidade de construir novos mecanismos de produção de lucro.</p>

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Para se adiantar à prováveis críticas céticas que possam considerar mero modismo a adoção do conceito de capitalismo de desastre para explicar a catástrofe recente, vale citar a entrevista com a própria idealizadora do conceito, Naomi Klein (2024). Na ocasião, a jornalista

avalia que eventos da magnitude das enchentes no RS evidenciam a existência e os impactos devastadores de uma crise climática gerada por um modelo de desenvolvimento neoliberal.

Klein (2024) interpreta a enxurrada de desinformações disseminadas por canais de direita como uma forma de evitar que a população compreenda as razões por trás do desastre, o que pode ser prejudicial para a agenda política neoliberal. Esse *modus operandi*, afirma, se repete em outros desastres e até mesmo na pandemia da Covid-19, onde se criam conspirações que desvinculam os fatos de um desastre climático promovido pelo neoliberalismo. Embora o método não seja novo, um ingrediente acrescentado à receita é responsável por aumentar as dimensões do seu impacto: a recompensa financeira pela monetização do engajamento de mentiras nas plataformas digitais. “Temos uma ecologia da informação que está tão poluída quanto as águas das enchentes no Brasil neste momento”, conclui Klein (2024).

O estado de choque, ponto de partida da teoria do capitalismo de desastre, é um momento em que se forma uma lacuna entre os eventos que se sucedem rapidamente e a informação disponível para explicá-los. Klein (2008) aponta que o argumento neoliberal para a reação ao estado de choque é que, quando acontece uma crise, as ações que são tomadas dependem das ideias que estão à disposição. É exatamente na questão do acesso à informação disponível após, ou antes ou durante, o contexto de um desastre que nasce a hipótese central desta pesquisa: a desinformação deliberada é um recurso explorado na implantação e manutenção do capitalismo de desastre.

Em situações de desastre, a desorganização da rotina, a instabilidade e a insegurança social criam um ambiente propício para a circulação da desinformação. Nesses cenários, conforme apontam Amaral, Loose e Girardi (2024), a desinformação pode ser motivada por causar descrédito na atuação governamental e nos meios de comunicação oficiais, tendo consequências como: o comprometimento da segurança pública, prejuízos à resposta ao desastre, a dificuldade do resgate às comunidades afetadas e o atraso na construção de soluções eficazes a longo prazo. Nessas desinformações, pautas negacionistas são comuns, principalmente distorcendo fatos científicos e minimizando a influência humana nos eventos climáticos extremos (Amaral; Loose; Girardi, 2024).

As ideias socialmente aceitas são moldadas pelas informações disponíveis em uma sociedade sobre determinado tema. Quem controla o acesso a essas informações também tem o poder de manipular a opinião pública, muitas vezes com a intenção de obter lucro. Em

alguns casos, o conhecimento da verdade pode se tornar um obstáculo para o avanço de ações lucrativas. Nessas situações, a desinformação se torna uma ferramenta atraente, especialmente durante as crises, quando o desgaste psicossocial coletivo já enfraquece a capacidade crítica das pessoas, tornando-as mais vulneráveis às narrativas enganosas.

Desse modo, pode-se delinear o primeiro papel da desinformação na ascensão do capitalismo de desastre: uma ferramenta adotada na desestabilização da ordem no contexto do desastre, ou seja, uma auxiliar do choque.

Schuller e Maldonado (2016), revisando algumas críticas ao conceito de capitalismo de desastre, chamaram a atenção para uma suposta limitação teórica do mesmo, que seria o fato de não dar conta de uma abordagem a longo prazo para compreender aspectos estruturais do capitalismo que se manifestam nos desastres. Schuller e Maldonado (2016) salientaram, também, que o termo só aborda as consequências de um desastre.

Afastando-se desse argumento, prefere-se concordar com a hipótese de Hartwig e Hohendorff (2024) de que além das medidas e ações no pós-desastre, pode haver uma gestão do capitalismo de desastres que culmine em um evento catastrófico. Assim, o capitalismo não só se beneficia das crises, como as cria. Aproximando a presente pesquisa dessa lógica, pode-se demarcar o segundo papel para a desinformação na ascensão do capitalismo de desastre: um mecanismo empregado para viabilizar um episódio de desastre, ou seja, uma preliminar do choque.

Ainda é possível visualizar uma terceira função da desinformação no âmbito do capitalismo de desastre, que se revela no uso político de narrativas enganosas e negacionistas para esconder a culpabilidade do modelo neoliberal frente aos efeitos gerados nos desastres. Assim, a desinformação assume o papel de: um instrumento utilizado para negar o capitalismo de desastre, ou seja, uma defesa ao choque.

As intenções e os interesses por trás dos três papéis da desinformação na relação com o capitalismo de desastre convergem entre si. O que os diferencia é a aplicabilidade, que está condicionada a determinados momentos dentro do contexto de desastre, que podem ser antes, durante ou depois do evento se manifestar, conforme ilustrado no quadro 2 abaixo. Ou seja, a desinformação assume um papel contínuo para garantir vitalidade ao ciclo de ascensão e reascensão do capitalismo de desastre, alterando sua forma conforme as circunstâncias dos desastres evoluem.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Quadro 2 – Relação entre desinformação e capitalismo de desastre

Hipótese: a desinformação deliberada é um recurso explorado na implantação e manutenção do capitalismo de desastre.	
Condição	Missão
Estado de pré-desastre	Viabilizar um episódio de desastre.
Estado de desastre	Desestabilizar a ordem.
Estado de pós-desastre	Negar o capitalismo de desastre.
Conclusão: a desinformação assume um papel contínuo para garantir vitalidade ao ciclo de ascensão e reascensão do capitalismo de desastre, alterando sua forma conforme as circunstâncias dos desastres evoluem.	

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Em uma análise geolocalizada, mas que pode ser generalizada, Melgarejo (2024) propõe que uma recuperação pós-desastre bem sucedida e compatível com princípios da emancipação humana precisa incluir a conscientização social sobre as verdadeiras responsabilidades frente à tragédia, o fortalecimento de mecanismos de governança participativa e, também, atividades econômicas que respeitem a natureza. Porém, salienta-se que embora necessários, são caminhos insuficientes para enfrentar as tendências degenerativas de submissão à lógica de inoperância do poder público capturado por interesses privados que favorecem a mercantilização em detrimento da condição humana (Melgarejo, 2024). Essa é uma contradição natural do capitalismo em sua atual expressão neoliberal que, cada vez mais, se escancara e se agrava com o progresso de crises, sobretudo, climáticas e ambientais.

As tendências de impactos das mudanças climáticas semelhantes às ocorridas no Rio Grande do Sul não são nada animadoras. O conhecimento científico aliado ao investimento em tecnologias preventivas, a cultura de educação ambiental e a governança comprometida com a proteção à vida são urgências para amenizar as dimensões destrutivas de novos desastres; é o que recomenda um estudo conduzido pela Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (2025) em parceria com universidades e instituições públicas de pesquisa. O estudo ainda destaca a necessidade de maior eficiência na comunicação institucional e pública, o que pode ser um enfrentamento à circulação de desinformações que contribui para reduzir a capacidade de resposta da sociedade à um desastre

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs uma hipótese teórica inicial, a ser verificada em futuras etapas empíricas da pesquisa. Parte-se da premissa de que a desinformação, mais do que um ruído comunicacional, opera como um mecanismo ativo de sustentação das lógicas neoliberais em contextos de desastre socioambiental: obscurecendo responsabilidades, capturando subjetividades para promover falsas soluções e distrações discursivas e desmobilizando a crítica social.

A desinformação contribui para a reconfiguração de dispositivos já conhecidos do capitalismo de desastre, agora moldados por novas dinâmicas tecnológicas, políticas e comunicacionais. Por isso, a provocação no título, a (re)ascensão, remete à ideia de um retorno atualizado: não se trata da emergência de um novo paradigma, mas da reconfiguração e fortalecimento de práticas já consolidadas que, ao se adaptarem ao nosso presente, encontram na desinformação um terreno fértil para legitimar a catástrofe como oportunidade. A crise, portanto, não é apenas vivida, mas é performada, gerida e explorada sob novas mediações que reafirmam antigas desigualdades.

Este estudo configura-se como um ponto de partida para investigações futuras sobre as interações entre desinformação, negacionismo científico e a expansão do capitalismo de desastre em contextos de crise. Embora represente uma abordagem inicial, os resultados obtidos ressaltam a relevância de investigar como narrativas desinformativas e negacionistas sustentam modelos econômicos que tiram proveito de cenários de colapso socioambiental.

Como perspectiva futura, pretende-se aprofundar a análise de casos específicos, ampliando o *corpus* investigativo e explorando de maneira mais detalhada como determinadas informações, ou a falta delas, favorecem a legitimação de práticas de exploração e negligência em situações de desastre. Assim, deseja contribuir para um campo de estudos que se comprometa com a crítica social e com a produção de conhecimento atento às dinâmicas informacionais que influenciam as respostas, ou a falta delas, às emergências climáticas e humanitárias.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (Brasil). **As enchentes no Rio Grande do Sul: lições, desafios e caminhos para um futuro resiliente**. Brasília: ANA, 2025. 57 p. Disponível em: https://biblioteca.ana.gov.br/sophia_web/acervo/detalhe/107692. Acesso em: 5 maio 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

AMARAL, Márcia Franz; LOOSE, Eloísa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho (org.). **Manual para a cobertura jornalística dos desastres climáticos**. Santa Maria, RS: Facos-Ufsm, 2024. 57 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/33707/manual-para-a-cobertura-jornalistica-de-desastres-climaticos-2024.pdf?sequence=2&isAllowed=y> . Acesso em: 12 abr. 2025.

BEZERRA, Arthur Coelho; CAPURRO, Rafael; SCHNEIDER, Marco. Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à era digital | regimes of truth and power. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 1-10, 2017. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.18617/liinc.v13i2.4073>. Acesso em: 11 abr. 2025.

BRISOLA, Anna Cristina Caldeira de Andrada Sobral; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: ANCIB, 2018. p. 3316-3330. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819>. Acesso em: 11 abr. 2025.

DIAS, André Luiz Freitas; REPOLÊS, Maria Fernanda Salcedo. **Dano-morte, Macroeconomia e Dano Existencial no rompimento da barragem da Vale S. A. em Brumadinho, MG**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Marginália Comunicação, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

HARTWIG, Elisa; VON HOHENDORFF, Raquel. O capitalismo de desastres no Brasil: enchentes no RS e violações de direitos humanos. **Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito – PPGDir./UFRGS**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 251-273, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ppgdir/article/view/141812>. Acesso em: 12 abr. 2025.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

KLEIN, Naomi. **A Doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KLEIN, Naomi. Ao evidenciar emergência climática, tragédia no RS pode abalar agenda política da direita, diz Naomi Klein. [Entrevista cedida a] Gabriela Moncau. **BdF**, São Paulo, 17 jun. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/06/17/ao-evidenciar-emergencia-climatica-tragedia-no-rs-pode-abalar-agenda-politica-da-direita-diz-naomi-klein/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

MARIANO, Cynara Monteiro. Emenda constitucional 95/2016 e o teto dos gastos públicos: brasil de volta ao estado de exceção econômico e ao capitalismo do desastre. **Revista de Investigações Constitucionais**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 259-281, 2017. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rinc.v4i1.50289>. Acesso em: 11 abr. 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

MELGAREJO, Leonardo. Editorial - Rio Grande do Sul: capitalismo do desastre ou Agroecologia?. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 120-130, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbagroecologia/article/view/54414> . Acesso em: 12 abr. 2025.

RIPOLL, Leonardo; MATOS, José Claudio Morelli. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 13, p. 2334-2349, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/918> . Acesso em: 11 abr. 2025.

RODRIGUES, Rosângela Schwarz; NEUBERT, Patrícia da Silva. **Introdução à pesquisa bibliográfica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/249681> Acesso em: 11 abr. 2025.

ROJAS, Claudia Marcela Orduz; PEREIRA, Doralice Barros. O rompimento da barragem de Fundão e a ascensão do capitalismo de desastre no Brasil. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 19-34, 2023. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.15446/rcdg.v32n1.94479>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SANTINI, Rose Marie; BARROS, Carlos Eduardo. Negacionismo climático e desinformação online: uma revisão de escopo. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 1-27, 2022. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.18617/liinc.v18i1.5948>. Acesso em: 11 abr. 2025.

SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves dos; NICHOLS, Bruno Washington. Modelos de financiamento da desinformação: uma análise da monetização de websites hiperpartidários de direita. **E-Compós**, [S. l.], v. 28, 2025. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/3021> . Acesso em: 11 abr. 2025.

SCHULLER, Mark; MALDONADO, Julie K. Disaster capitalism. **Annals Of Anthropological Practice**, [S. l.], v. 40, n. 1, p. 61-72, 2016. Wiley. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/napa.12088>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SILVA, Cláudia Gonçalves Thaumaturgo da. **Vulnerabilidades e desastres: reconstrução e resiliência**. 2018. 176 f. Tese (Doutorado em Dinâmica dos Oceanos e da Terra) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/24825>. Acesso em: 12 abr. 2025.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Reflexão sobre a “desordem da informação”: formatos da informação incorreta, desinformação e má-informação. In: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO) (Paris) (org.). **Jornalismo, fake news & desinformação**. Paris: Unesco, 2019. p. 46-58. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647> Acesso em: 12 abr. 2025.